

O Dia do Terramoto

Projecto: História ao vivo, um projecto multidisciplinar

Autor: Amélia Santos

Escola E.B. 1,2 de Marzovelos – Viseu

Destinatários: Alunos do 6.º ano

Interdisciplinaridade: Apoio do professor de História

Sequência de actividades:

- Assegurar a existência de 12 exemplares do livro em cada turma
- Leitura dos sete primeiros capítulos em aulas sucessivas.
- Leitura do 10.º capítulo feita na aula pelo professor. Aos alunos que não tinham livro, foram distribuídas fotocópias deste capítulo.
- Trabalhos de grupo: os alunos divididos em grupos puderam escolher um de dois temas para trabalhar.

A — Entrevista ao Marquês de Pombal

B — Reportagem sobre o terramoto feita por sobreviventes

C — Dramatização de um texto sobre o terramoto para apresentar no dia do encontro com a escritora

- Construção de uma maquete da Baixa Pombalina, depois de terem lido os textos da parte final do livro que se referem à reconstrução de Lisboa, com apoio da professora de História.

Ficha de Leitura

O Dia do Terramoto

1

Autores: _____

Editora: _____

Personagens Principais: _____

Personagens históricas (reais) que são referidas no texto: _____

Época em que decorre a acção: _____

Acontecimento central da história: _____

2

O acontecimento que achaste mais interessante: _____

3

Apresenta razões da tua preferência. _____

4

Indica três conhecimentos que adquiriste com a leitura deste livro:

Texto para Dramatização

João — Olá, eu sou o João. E esta é a minha irmã Ana.

Ana — Ambos viemos com o cientista Orlando na máquina de viajar no tempo.

João — O cientista Orlando pertence à AIVET — Associação Internacional de Viagens no Espaço e no Tempo e encarregaram-no da tarefa de regressar ao ano de 1755 para estudar os tsunamis.

Ana — Bem, o tsunami é uma onda gigante que resulta de um tremor de terra submarino.

João — Mas, para podermos viajar no tempo com ele, tivemos de prometer que cumpríamos o código de honra dos cientistas, segundo o qual não se pode alterar a História.

Ana — Hoje estamos aqui para relatar o que se passou naquela manhã do dia 1 de Novembro de 1775, na cidade de Lisboa, pouco depois das 9.30.

João — Durante 6 minutos intermináveis, Lisboa oscilou, rasgou-se como um castelo de cartas.

Ana — De repente levantou-se um vento furioso que avivou as primeiras chamas. O fogo alastrou então em vários pontos da cidade.

João — Uma multidão aterrorizada correu para a margem do rio Tejo. Espezinhavam-se uns aos outros na ânsia de se salvarem.

Ana — Mas não tardaram a recuar espavoridos. As águas erguiam-se em fúria.

João — Uma onda gigante crescia do fundo do oceano. Enorme, escura, enrolou-se no ar e abateu-se sobre a cidade. Era o tsunami.

Ana — Famílias inteiras fugiam a pé, a cavalo ou de carroça com os haveres que tinham conseguido salvar.

João — A família real estava a salvo, porque nesse dia encontravam-se na quinta de Belém para assistir à missa do Dia de Todos os Santos.

Ana — No meio da catástrofe e do desespero, destacou-se um ministro de D. José, Sebastião José de Carvalho e Mello — o marquês de Pombal.

João — Parece que estou mesmo a vê-lo com a sua cabeleira branca a dar ordens, sem perder o controlo.

(Entra o Marquês de Pombal)

Marquês de Pombal — O que há a fazer é enterrar os mortos e tratar dos vivos. É preciso impedir que o fogo alastre, cavem trincheiras entre os edifícios que estão a arder. Levem os feridos para os conventos e igrejas que ficaram de pé. Patrulhem as ruas. Todos os que forem apanhados a roubar serão imediatamente enforcados. Prendam os que apanharem em flagrante. Não há misericórdia para gente desta laia.

(João sussurra ao ouvido da irmã)

João — Este homem não era para brincadeiras.

Ana (dirigindo-se ao público) — Imaginem como nos foi difícil cumprir a promessa e não avisar ninguém do que se ia passar!

João — Mas como diz o Orlando “Todos podemos fazer qualquer coisa por um mundo melhor. Mas cada um deve agir no seu próprio tempo. Deve agir no presente e pensar no futuro.